

Apesar de treze anos de ausência

nunca saí de Moçambique

Sign. 23/7/89

● Eugénio Lisboa, escritor português, quando recentemente visitou Moçambique

LARGAMENTE conhecido no campo literário (e não só) dos países de língua oficial portuguesa, na sua totalidade, mas principalmente em Moçambique, onde viveu, e em Portugal, onde também viveu, Eugénio Lisboa, poeta, crítico e ensaísta, esteve recentemente no nosso País, a convite formulado conjuntamente pelas Faculdades de Letras da Universidade Eduardo Mondlane e Serviços Culturais da Embaixada Portuguesa em Moçambique, para proferir uma série de palestras sobre o modernismo na poesia contemporânea portuguesa. Apesar de já não estar decantado ligado à literatura e cultura moçambicanas, Eugénio Lisboa considera-se de alguma forma, escritor moçambicano e ainda muito ligado à nossa terra. A Rádio Moçambique, teve o ensejo de recentemente conversar com ele e gentilmente passou-o a bobine. Que extraordinário orador que ele é! Infelizmente, por razões de espaço, não nos é possível em duas partes, contar-lhe a apresentação a segunda no próximo número.



— Senhores Dr. Eugénio Lisboa, gostaríamos de lhe perguntar, em primeiro lugar, o que é que lhe estimula mais neste momento que se encontra em Moçambique, de pois de 13 anos de ausência?

— O que me estimula mais, eu diria que é tudo, tudo no mesmo tempo, numa grande confusão que é extremamente excitante, mas o que apesar de treze anos de ausência, nunca de cá tinha saído: em contrários, de repente, em casa, como se tivesse cá estado ontem: isto é realmente uma espécie de filtro mágico difícil de compreender.

— Eugénio Lisboa, você é uma figura conhecida no mundo da cultura, particularmente no mundo da cultura da língua portuguesa. Viveu, escreveu durante vários anos em Moçambique. Considera que Moçambique teve ou continua a ter qualquer significado no seu trabalho, no seu imaginário?

— É muito difícil que isso não acontecesse, eu saí de cá em 1976, 38 vívidos cá. Aínda hoje, buscar de uma ausência longa, a maior parte de minha vida foi vivida em Moçambique; seria portanto estranho, a não ser que eu tivesse dum tipo total impenetrabilidade que o meu imaginário não estivesse constantemente povoado pela vivência moçambicana. A

incarnação da cultura moçambicana, no que verdadeiramente eu nunca, em este ausência o, se no trabalho de um escritor literário eu tenho trabalhado mas na Literatura portuguesa do que na moçambicana, actualmente, eu diria que a vivência moçambicana é decisiva na poesia que eu tenho publicado e noutra que não tenho publicado, nós tenho escrito; a impregnação da minha realidade, do meu percurso moçambicano, é muito profunda.

— Sabemos que é um crítico, e um ensaísta, mas certos círculos aqui consideram-no também um poeta. Eugénio Lisboa é um poeta?

— Bem, no sentido pomposo, eu não me atreveria a responder a esta pergunta, mas a nível heráldico, do trabalho da língua ou utilização de língua para explorar as minhas próprias perplexidades, acho que sou um poeta, como todo a gente. Eu acho que todo a gente é poeta e eu sinto-me, neste sentido, muito humilde poeta, num outro sentido, mais oficial, mais espectacular, compõe aos outros lí, 26,10.

— Tem poesia publicada?

— Tenho poesia publicada em re- dómio, não me atrevo a publicar em meu nome por uma questão de visões, e mais tarde, em meu

vistas, em jornais, até aqui em Moçambique no periódico «Voz de Moçambique», primeiro com pseudónimo; e em Lisboa, tenho um livro publicado em Portugal, Portugal não é bem assim, o livro foi editado

por uma editora de emigrantes portu- gueses que tem a sede na Suíça, publicou um livro chamado «A Matéria Intensa», que tem profundas marcas de minha vivência em Moçambique.

— Até que ponto tem desenvolvido a seguir, à distância, os domínios de Literaturas moçambicanas, quer das línguas locais, quer das línguas, de Rui Nogueira, quer das chamadas novíssimas gerações?

— Em relação aos nomes que acabo de citar, eu tenho mais em menos, com alguma aproximação, seguido o percurso deles. Gavelrinha somos amigos, e a tem vindo, das muitas vezes a Europa e tenho, nos encontros, estado bastante a par. Malagotana também, até já esteve comigo em Londres, esteve em minha casa, e muito do que ele tem feito acompanho de Rui Nogueira um pouco, mas tenho visto pouco, mas coisas, tenho recebido ocasionalmente fotografias ou recortes de jornais de pessoas que eu conheço, confesso que tenho tido algum contacto, não muito, uma das vantagens de não vir, não viria vai ser o relaxamento, o estreitamento, dessas relações, para que no futuro a minha distância com esta nova geração possa seja tão grande. Mas tive ocasião de os conhecer, alguns deles, na Conferência de Escritores da Língua Portuguesa, em Lisboa, em Março, e a partir daí iniciei um contacto que agora, não vai apertando no futuro. Agora na minha vida tive ocasião de adquirir, por compra, outros por oferta, um pouco razoável de textos dos escritores desta nova geração que me têm impressionado pelo extraordinário trabalho que eles fazem em a língua, eu acho que a língua portuguesa beneficia muito, destas influências. Já quando eu lia escritores brasileiros, notava que a língua portuguesa ganhava muito do trabalho sobre a língua que eles faziam, que se torna mais inventiva, mais flexível, mais desconfiada, daí, tenho notado isso, ali aqui, poderia citar um certo número de palavras que me têm surpreendido e que já fazem parte do meu glossário, nestas últimas duas semanas, uma das palavras, por exemplo, que me intrigou pelo que ela representa foi o desconstruir que não existia no vocabulário da língua portuguesa e que agora passa a existir, com uma força de invenção extraordinária. Agora eu não tenho a certeza de que tudo existisse antes, todo este povo, no fundo, porque não é só a gente que escreve, é a gente que lê, eu vou alargar extraordinariamente os aspectos da língua, isso é um bem, eu acho que isso é o que tem feito que a língua evolua, a língua sofre influências, muitas outras línguas que não sejam o português, só tem a ganhar com isso.

— De novíssimas gerações, pode citar nomes dos que tem conhecido, e Nelson Sadio, o Khosa, não a ler com bastante encanto crónicas do Mia Couto, que me parecem realmente um género de crónicas que aprecio particularmente, no qual os brasileiros são realmente muito bons, da sua série de livros impressionaram-me bastante, etc...

— Em Londres, como tem sido a divulgação e o conhecimento público da cultura e literatura moçambicanas?

— Pois, essa pergunta já me foi feita noutras circunstâncias. Lon-

dres, Reino Unido, dama maravilhosa, é um país que não é excessivamente aberto a culturas não anglo-saxónicas; os ingleses são bastante insulares, tirando, evidentemente, uma elite, uma minoria, não é?; o Inglês médio não conhece bem a sua própria cultura, não conhece, é muito vulgar encontrar um indivíduo que fez a sua instrução normal, nove anos de escolaridade, que se emprega o que não conhece os grandes escritores ingleses, nunca de low, isto é, não nos, uma ideia: que é que há de conhecer escritores de culturas consideradas mais distantes, mais exóticas (uso, nos o termo?) por outro lado, não ou Inglês normalmente não fala outra língua, tirando o meio universitário, pouco no meio universitário, não há muito tempo, há estado da literatura africana, há estado português; portanto, há, no nível universitário, no nível académico, conhecimento da cultura moçambicana, simplesmente, no que a minha opinião, isto é a parte menos interessante da divulgação de uma cultura. Considero, se divulgação uma cultura, não quando é conhecida nos meios universitários, mas quando é conhecida cá fora. Portanto, num país que não fala português, e cultura moçambicana só tem possibilidade de ser divulgada através da tradução; enquanto não houver traduções em grande número, não podemos falar de conhecimento da cultura moçambicana em Inglaterra.

— Eu tenho a impressão, se me permite, aliás, no passado já tive

ocasião de responder à pergunta do género. Eu tenho a impressão de que normalmente ao comete um erro, ao pensar-se que o ensaísmo é um departamento de crítica literária, a ficção, a poesia, e o prosa, o teatro, um departamento diferentes. Eu não julgo que seja assim. Eu diria que a crítica não é crítica; pode haver mais crítica, crítica autônoma num bom ensaio do que num poema ou num livro romance. Eu tive sempre a sensação, quando fiz o meu ensaio que entrava mil vezes por zona de político, por zona do romance e era por isso mesmo, que me exaltava a escrever ensaios, não para rever, não para fazer uma crítica, mas para entrar em chelo nos domínios das fantasmas que preocupam o ser humano. Portanto, não esqueça, aqui ensaísta que eu de facto admirei, o Eduardo Lourenço entre os portugueses, e o Giorgio Stainis entre os americanos, e o Rowen Bark entre os franceses, eu leio-os com o mesmo encanto com que leio os romances, um poema, é um departamento de que não há linha divisória entre ambos. Portanto, não há um escritor francês que era Orléans, que o roman, não, ao escrever um bom romance, faz vida a partir da vida e um bom crítico literário faz vida a partir dos livros, mas ao falar dos outros livros, fala deles como se fossem pessoas vivas, porque os livros passam por nós, portanto, não há uma linha divisória entre os dois, mas de um outro romance, de o seu ensaio. Portanto, eu quando comecei a escrever poesia não tive a sensação de estar a fazer regresso, tive a sensação de estar a fazer a mesma coisa que fazia no ensaio.

percurso Eugénio Lisboa



Nasceu em 1930. Licenciado em engenharia electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Viveu e trabalhou em Moçambique até 1976, exceptuando o período da residência em Lisboa entre 1947 e 1955, exercendo ali a sua profissão técnica no mesmo tempo que se dedicava, mais extensivamente, a actividades culturais e literárias. Em 1974 foi professor na UNISA e em 1975 na Universidade de Lourenço Marques (Eduardo Mondlane); foi professor no Instituto Domènico da Universidade de Estocolmo, na Suécia, e, actualmente, Adido Cultural na Embaixada portuguesa em Londres, Inglaterra. Em 1954 foi convidado por José Régio a organizar um volume antológico sobre a sua poesia para a Coleção Poesia de Hoje, que foi publicado em 1957 pela Livraria Tavares Martins (Porto). Participou na recolha de espólio literário do poeta Almeida Faria e prefaciou o volume «Poemas deste escritor. Entretanto, dirigiu com Rui Nogueira as páginas literárias dos jornais «A Tribuna» e «A Voz de Moçambique», colaborou em diversos jornais, feitos aqui em Moçambique, Angola, Brasil e Portugal. É autor das seguintes lívros, além do já citado: Crónicas dos Anos da Poesia (ensaio, em 1973); Poesia de Moçambique (em colaboração com Jorge Sampaio, 1973); Crónica dos Anos de Poesia (ensaio, 1973); Jorge Régio — A Obra e o Homem (ensaio e antologia, 1978), etc. é membro da Associação Internacional dos Críticos Literários.